



PATRIARCADO ECUMÊNICO DE CONSTANTINOPLA

Arquidiocese de Buenos Aires e América do Sul

Lerma 260 CABA Tel. (+54) 11 45085402/4 -www.ortodoxia.com.ar

HOMILIA

VII DOMINGO DE MATEUS

Pelo Arcebispo Iosif, Metropolitano de Buenos Aires

«Ἐν τῷ ἀρχοντὶ τῶν δαιμονίων ἐκβάλλει τὰ δαιμόνια».
«É pelo príncipe dos demônios que ele expulsa os demônios»

(Mt 9:34)

A perícope evangélica de hoje é a continuação da do V Domingo de Mateus. O Evangelista relata e descreve a atividade de Jesus de Nazaré por toda a terra de Israel de forma sucinta: ele cura dois cegos e um mudo possesso. **Do que trata esta missão, a atividade do mestre rabino? O que ele faz?** Sem dúvida, a atividade de Jesus é multifacetada e multidimensional. Cura, realiza milagres, purifica, prega, profetiza, proclama, denuncia, dá pão aos famintos, dá conforto aos desesperados, em suma, dá **provas concretas de que o anunciado Reino de Deus por seu precursor realmente chegou e está se realizando.**

Muitos quiseram descrever a «*atividade pública*» de Cristo como meramente «*filantropia*»; outros como «*proclamação religiosa*»; outros como «*política*»; outros, através do componente «*sobrenatural*» da mesma; outros simplesmente como a gestão de um líder religioso-político rebelde ou revolucionário contra os análogos regimes da época. De qualquer forma, há tantas interpretações quanto intérpretes. A verdade é que a missão, a «*atividade-operação*» de Cristo-Messias é a mesma do apocalipse divino, mas assumida neste período pelos «*Logos*» do Pai. O conceito de «**revelação**»-*apocalipse* - está necessariamente unido ao da «**parusia**», ou seja, a presença plena e absoluta de toda a divindade na pessoa divina de Cristo-Messias e, claro, em sua atividade teândrica. Precede, no entanto, a «**parusia**»

que é por si só «reveladora». A revelação opera desde a sobrenatureza de Deus **em** e **para** a natureza caída dos homens. É por isso que sua ação sempre altera a ordem natural, não porque a anule, - muito pelo contrário - mas porque constantemente a restaura e a aperfeiçoa. É por isso que se produzem «signos e sinais», as «**teosemías**», - os sinais divinos - comumente chamados de milagres.

Porém, o Cristo-Messias não é um mero taumaturgo. Seria muita miopia se ficássemos apenas na «**taumaturgia**» própria de toda a missão. Aquela é a recepção natural da natureza caída – e, desde então restabelecida – ante a **parusia-apocalipse** de Deus, aqui e agora. Não poderia ser de outra maneira. A restituição da natureza de Adão já pode ser apreciada na receptividade de alguns dos homens que «**creem**» que Jesus, o de Nazaré, é o Cristo-Messias. É por isso que Ele pergunta, «**Creem que eu posso fazer isso?**», ou seja: creem que sou – O-Que-Sou? A resposta é sempre a mesma: «**que se faça, portanto, em ti, de acordo com a tua fé**», isto é, a fé Naquele; em sua aceitação; em sua adesão; em sua entrega; em sua identificação. Não devo me ocupar aqui a desenvolver o tema da fé, simplesmente o trago para demonstrar a dinâmica entre a «**Parusia-Apocalipse**» da Divindade, e a «**receptividade**» da contraparte. Quando a receptividade - sempre livre e voluntária - é reconfigurada – paradoxalmente – *per gratiam* – à realidade divina, então a ordem natural caída é alterada, é curada, aperfeiçoada. Sem limites. É claro, a «**receptividade-fé**», que é a **capacidade-atividade intrínseca em relação ao Absoluto que o homem tem**, quando se depara com essa dimensão que o supera ontologicamente, deveria naturalmente aderir-se, «**lutar**» para se abandonar, de modo que a contraparte divina *per gratiam* - *χαριτι* – a reconfigura, ou seja, a cure e a aperfeiçoe para assimilá-la, é claro, mantendo sempre a alteridade existencial.

Este é o caso dos cegos e do mudo possesso. Mais uma vez «paradoxalmente», aqueles que não têm sentido nem para vê-lo nem para ouvi-lo são os que aceitam «**parusia-apocalipse**»; aderem, curam-se - no corpo e na alma, é claro - e proclamam que o que cura é Deus. Assim, o povo exclamou: «*Ουδεποτε εφανε ουτως εν τω ισραηλισταηλ*» («*Nunca se viu nada igual em Israel!*»). Evidentemente não, uma vez que o Reino agora «adquiriu» se encarnou no *Logos* Eterno do Pai.

A receptividade, embora como capacidade seja intrínseca ao homem, como atividade é livre e voluntária. Dois lados da mesma moeda. A capacidade existe, mas precisa ser desenvolvida. Há potencial, mas precisa ser expandido - a dinâmica entre imagem e semelhança. Não há magia aqui. Há exercício, esforço, trabalho: **ascese**. E, claro, também há graça. Caso contrário, o resultado é o de nossos ancestrais Adão e Eva: **a negação de Deus**.

Na perícopie evangélica a posição oposta também se expressa pela atitude dos fariseus e membros do *establishment* religioso da época. Enquanto aqueles incapazes de acessar as escrituras — cegos, surdos, paralíticos, possessos — creem e proclamam Deus, aqueles que acreditam possuir em sua tradição - e em si mesmos - o conhecimento de Deus são os primeiros a negá-lo. Mudam voluntariamente o curso da «capacidade» intrínseca de Deus pela via oposta: a **anti-fé**: a negação. Renovam, reforçam e até mesmo reivindicam a natureza

caída do homem em sua constante negação e afastamento de Deus: crendo, no entanto, que são os únicos intérpretes e depositários da fé Naquele: *esquizofrenia!* Claro, o produto da negação de Deus. Aquele que nega a Deus torna-se **anti-Deus**; ou **anti-Cristo**. Acontece, então, que esses senhores, líderes religiosos, evidentemente, - não poderia ser de outra maneira - vão contradizer o povo que clama que «*nunca foi visto nada igual em Israel*» e vão realmente explicar o que está acontecendo: «*É pelo príncipe dos demônios que ele expulsa os demônios*». Sim, os anti-Cristos interpretam que Cristo faz o que faz pelo poder de Satanás. Em outras palavras, eles o identificam com Satanás. Tudo ao contrário! Loucura, não?

Em grego há uma palavra que bem os descreve «*λαοπλανοςς*» que é aquele que seduz com falsidades o povo. Πλανι – falsidade - que se contrapõe a αλήθεια -verdade-, bem como άρνηση - a negação – e a πίστη – a fé.

O oposto da fé não é a incredulidade, é a negação. A livre negação de Deus é o fechamento violento da Sua imagem no homem que, anulada, não pode mais ser realizada como semelhança; isso é **αμαρτια**¹: o fracasso mais radical e endógeno do homem, sua barbárie mais impetuosa, sua dissimulada corrida para o nada. Quem nega Deus se recusa a si mesmo. Essa negação se resolve necessariamente com outra falácia existencial: o ego. Aquela, uma expressão de negação. E, «paradoxalmente» - mais uma vez, sim - sua necessária marca, seu necessário terreno fértil.

Parece uma luta eterna.

E é mesmo.

Quem, afinal vencerá?

Jacó ficou sozinho, e um homem lutava com ele, até o romper do dia.

Vendo este que não podia com Jacó, tocou-lhe na articulação da coxa, de modo que a junta da coxa de Jacó se deslocou, na luta com o homem.

Então o homem disse: — Deixe-me ir, pois já rompei o dia. Jacó respondeu: — Não o deixarei ir se você não me abençoar.

Então o homem perguntou: — Como você se chama? Ele respondeu: — Jacó.

Então disse: — Seu nome não será mais Jacó, e sim Israel, pois você lutou com Deus e com os homens e prevaleceu.

Jacó disse: — Por favor, diga-me como você se chama. Ele respondeu: — Por que você pergunta pelo meu nome? E o abençoou ali.

Jacó deu àquele lugar o nome de Peniel, pois disse: “Vi Deus face a face, e a minha vida foi salva.” (Gn 32:24-30)

¹ 1. E não a mera visão pietista e moralista em uma lista de contravenções éticas.